

**A REPRESENTAÇÃO DA
MULHER NEGRA NO JORNAL
O DIA: ANÁLISE DO NOVEMBRO
NEGRO NO PIAUÍ**

*THE REPRESENTATION OF BLACK
WOMEN IN THE JOURNAL O DIA:
ANALYSIS OF BLACK NOVEMBER IN
PIAUI*

Sandy Swamy Silva do Nascimento

Mestranda em Políticas Públicas (UFPI). Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e Relações Públicas na (UESPI). Teresina-PI, Brasil. E-mail: swamy9521@gmail.com

Ana Vitória de Sousa Silva

Mestranda em Políticas Públicas (UFPI). Graduada em Serviço Social (UNIFSA). Campo Maior-PI, Brasil. E-mail: anavi300@outlook.com

Elaine Ferreira do Nascimento

Doutora em Ciências (Fiocruz-RJ). Pesquisadora em Saúde Pública. Docente permanente do Programa de Políticas Públicas (UFPI). Teresina-PI, Brasil. E-mail: negraelaine@gmail.com

Resumo: O feminismo negro traz com cor e contexto as reivindicações que representam a maioria (minorizada), transcendendo as querelas feministas generalistas da branquitude. Neste estudo, busca-se analisar a representação social da mulher negra no jornal O Dia, em matérias jornalísticas, publicadas no Novembro Negro, no período de 2006 a 2010. A pesquisa avaliou as notícias baseando-se no método Análise de Conteúdo (AC), conforme Bardin (2011) e a partir das categorias: Dia da Consciência Negra, trabalho Escravizado, igualdade racial, comunidade quilombola e negros. Concluiu-se que diante das 39 matérias analisadas as mulheres apareceram em segundo plano, sendo que os homens ganharam mais espaço e voz nas notícias sobre as temáticas em foco, o que representa que a mulher negra é invisibilizada na luta contra o racismo no Piauí.

Palavras-chave: Mulher Negra. Feminismo Negro. Novembro Negro. Jornal O Dia. Piauí.

Abstract: Black feminism brings with color and context the claims that represent the (minorized) majority, transcending the generalist feminist quarrels of whiteness. In this study, we seek to analyze the social representation of black women in the newspaper O Dia, in journalistic articles, published in Black November, from 2006 to 2010. The research evaluated the news, based on the Content Analysis (CA) method, according to Bardin (2011) and based on the categories: Black Awareness Day, Enslaved work, racial equality, quilombola community and blacks. It was concluded that in the face of the 39 analyzed articles, women appeared in the background, and men gained more space and voice in the news on the themes in focus, which represents that the black woman is invisible in the fight against racism in Piauí.

Keywords: Black Woman. Black Feminism. Black November. O Dia Newspaper. Piauí.

Introdução

O feminismo é uma ferramenta teórico-metodológica, política, filosófica e um movimento social que nasceu na práxis das mulheres e que busca construir novas perspectivas de mundo para emancipá-las. Mas, desde o início da sua atuação, apenas as mulheres brancas ganharam protagonismo no movimento, essas lutas que foram emplacadas por mulheres, com padrões aceitáveis socialmente, não contemplavam e não compreendem mulheres negras, indígenas e pobres. Neste contexto, além do patriarcado, elemento chave nas disputas por poder, outras expressões da questão social são descartadas como o racismo e a luta de classes¹.

Tais opressões, por sua vez, são base do feminismo negro, que inclusive não luta apenas por mulheres negras, mas também pela vida dos homens negros, povos indígenas e tem grande influência nos direitos já adquiridos pela comunidade LGBTQIA+. No feminismo negro, as mudanças não devem ocorrer individualmente, mas coletivamente e atingir as desigualdades e as discriminações em sua estrutura². Logo, o feminismo não deve partir de um viés universalizante, pois a grande parcela da população feminina é negra e periférica, desse modo, colocar o feminismo como uma estratégia de luta, não significa generalizar as subjetividades de ser mulher na sociedade brasileira, pelo contrário, o movimento feminista deve agregar a pluralidade em suas ações, deve ser real e emancipador, para que possa atender as camadas sociais populares e marginalizadas, permitindo a visibilidade para que haja a representatividade, que é o que realmente importa no enfrentamento aos discursos que deslegitimam as diversidades, tendo em vista que um feminismo elitizado só reforça uma hegemonia de poder, elencada sobre paradigmas coloniais que robustecem a exclusão social³.

¹ BRUM, Daniela Moraes. *Feminismo pra quem?* Bauru: Astral Cultural, 2020.

² BRUM, 2020.

³ hooks, bell. *Não sou eu uma mulher: mulheres negras e feminismo*. 1981. Tradução livre para a plataforma gueto, jan. 2014. Disponível em: https://plataformagueto.files.wordpress.com/2014/12/nc3a3o-sou-eu-uma-mulher_traduzido.pdf. Acesso em: 28 mar. 2023.

Lélia Gonzalez⁴ também afirma a necessidade de um feminismo afro-latino-americano, pois ela faz uma crítica ao eurocentrismo brasileiro presente no movimento de mulheres. A autora ressalta em seus escritos a recorrência de exclusão de negras e indígenas no feminismo e aponta que apesar de o movimento feminista latino-americano ter dado uma abertura para a discussão da problemática da discriminação baseada pela orientação sexual, o diálogo acerca do racismo não foi tão receptivo. Assim, este estudo tem como objetivo analisar a representação da mulher negra do Piauí, no Jornal O Dia⁵, diante das discussões sobre o feminismo negro e movimento do Novembro Negro, tendo como problemática central: como a mulher negra piauiense é representada durante o mês de novembro, em que a temática do racismo e da luta do povo negro está em pauta?

Neste sentido, o estudo tem como metodologia uma abordagem qualitativa composta por uma pesquisa bibliográfica e documental⁶. A primeira refere-se ao levantamento de materiais sobre feminismo negro, representação da mulher e Novembro Negro e pesquisa documental sobre a imagem da mulher no Novembro Negro em diversos números de um jornal impresso. Os dados foram analisados através do método de Análise de Conteúdo estruturado com uma seleção de matérias jornalísticas publicadas pelo Sistema O Dia de Comunicação, um veículo de comunicação piauiense com mais de 70 anos no mercado, sendo composto por: tv rádio, jornal impresso e portal⁷.

A metodologia de análise de conteúdo é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”⁸. A autora define que existem etapas para análise: a

⁴ GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro latino americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

⁵ O Jornal O Dia possui 72 anos de atuação no Piauí e é o mais longínquo, atualmente integra o Grupo O Dia que é formado por jornal impresso, portal, rádio, TV, redes sociais, aplicativo, gráfica, produtora e fundação. Todas as atividades possuem o objetivo de levar informação e contribuir para o desenvolvimento do Estado.

⁶ MINAYO, Maria C. de Souza. Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, Maria C. de Souza *et al* (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 9-29.

⁷ BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.

⁸ BARDIN, 2011, p. 44.

primeira é a pré-análise, que busca reunir materiais e locais de pesquisa, a segunda é a fase exploratória do conteúdo, e posteriormente o material examinado a partir da análise quantitativa-categórica, e, finalmente, temático-categórica. No Sistema O Dia de Comunicação, a análise foi realizada nos dias 08 e 09 de março de 2022, em notícias escritas no jornal impresso, no período de 2006 a 2010, somente no mês do Novembro Negro, campanha que evidencia lutas contra o racismo e desigualdades sociais no país. O estudo buscou identificar nas matérias a representação da mulher negra, diante da luta contra o racismo e igualdade racial.

O recorte temporal do período de 2006 a 2010, dá-se ao fato de que em 01 de agosto de 2006, foi aprovada a Lei nº 5.595, que regulamenta as áreas ocupadas por remanescentes de Comunidades dos Quilombos no Piauí e, em 20 de julho de 2010, foi instituído o Estatuto da Igualdade Racial a nível nacional, que garante “à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica”⁹.

Feminismo negro e a representação da mulher

O artigo *O feminismo Negro como estratégia para assunção de direitos as Mulheres Pretas e Periféricas* define o feminismo negro como uma resistência que está fundamentalmente relacionada à potência ancestral das mulheres pretas “no entendimento de fenômenos e problemáticas não contemplados pelas pautas generalistas do feminismo”¹⁰. É esta relação de poder que caracteriza o padrão de colonialidade moderna, este que é responsável por promover o racismo e o sexismo institucionais, presentes também dentro do movimento feminista. Nesta perspectiva, afirma-se que a interseccionalidade “é uma lente analítica sobre a interação estrutural

⁹ BRASIL. Presidência da República. *Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010*. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nºs 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. Brasília: Casa Civil, 2010. p. 1.

¹⁰ HILÁRIO, Rosangela Aparecida. O feminismo negro como estratégia para assunção de direitos as mulheres pretas e periféricas. *Ensaios Filosóficos*, Rio de Janeiro, v. 20, p. 40-57, dez. 2019. p. 47.

em seus efeitos políticos e legais”¹¹. Logo, ela objetiva o entendimento da inseparabilidade entre os eixos nefastos do racismo, do patriarcado e do capitalismo, ambos integrantes do sistema-mundo, desse modo, todas as formas de violências estão condicionadas diretamente para um público-alvo específico: mulheres negras, estas que são “atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais”¹².

Em *A Urgência do Feminismo para os 99%*, relata-se sobre as experiências de mulheres negras que não se encaixam no padrão de representação do feminismo branco¹³. Desse modo, a autora da obra torna oportuna a visibilidade da experiência de vida de outros grupos que foram minorizados pelo paradigma colonizador, de início, fazendo uma reflexão em relação ao lugar de privilégio e questionando se é possível enxergar outras mulheres fora deste espaço, uma indagação complexa, pois quando há a presença de uma circunstância favorável, há também uma predisposição para a indiferença em relação ao que não é visualizado dentro do âmbito de poder. Desse modo, pode-se afirmar que “a interseccionalidade [...] instrumentaliza a enxergar a matriz colonial moderna contra os grupos tratados como oprimidos”¹⁴.

O epistemicídio produzido pelo feminismo branco negligencia a ancestralidade de luta das mulheres negras, por meio de um padrão de apagamento da práxis do feminismo negro, é o que pode ser visualizado através do termo “sororidade”, que é tido “como um constructo simbólico de uma solidariedade [...] entre mulheres”¹⁵ ou como uma irmandade entre as mulheres que se reconhecem como iguais, entretanto, essa terminologia não é suficiente para agregar a mulher negra. Na

¹¹ AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade: feminismos plurais*. São Paulo: Pólen, 2019. p. 37.

¹² AKOTIRENE, 2019, p. 14.

¹³ PETRONE, Talíria. A urgência do feminismo para os 99%. In: KOLLONTAI, Aleksandra *et al* (org.). *Introdução ao pensamento feminista negro: por um feminismo para os 99%*. São Paulo: Boitempo, 2021.

¹⁴ AKOTIRENE, 2019, p. 27.

¹⁵ COSTA, Suely Gomes. Onda, rizoma e “sororidade” como metáforas: representações de mulheres e dos feminismos (Paris, Rio de Janeiro: anos 70/80 do século XX). *INTERthesis*, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 1-29, jul./dez. 2009. p. 14.

resenha intitulada *Dororidade, de Vilma Piedade*¹⁶, coloca que o termo “dororidade” vem de dor, porque estão presentes os obstáculos e as violências ocasionados pelo racismo, desse modo, “dororidade” carrega a perspectiva de interseccionar, trazendo a raça para discutir a violência de gênero. Logo, Vilma Piedade se posiciona dialogicamente frente ao conceito de sororidade, não para deslegitimá-lo, mas para afirmar que entre as mulheres existem dores que algumas não podem sentir. De fato, é coerente dizer que o feminismo representa uma urgência global, mas sobre qual feminismo está sendo falado?

Contudo, construir diariamente uma nova epistemologia que proporcione a visibilidade para atrizes políticas invisibilizadas, constitui a pauta atual de resistência a um estado racista, sexista e classista¹⁷. Enegrecer e feminizar os discursos é necessário para a construção de um debate feminista que faça uma abordagem referente ao contexto social brasileiro, tendo em vista que as vertentes historiográficas colocadas em questão apontam uma realidade dos saberes geográficos do Norte, sendo omitidas as dinâmicas sociais feministas em construção no Sul global¹⁸.

Correlacionando o feminismo na América Latina com o feminismo norte-americano, aponta-se que a situação é inversa, a luta pelos Direitos Civis nos Estados Unidos ao mesmo tempo que abriu oportunidades para a população negra, agregou também na luta pelos direitos das mulheres. Desse modo, a partir da luta do movimento negro nos EUA, foi oportunizada a ascensão de novas bandeiras, como o feminismo e o orgulho gay. No Brasil, contraditoriamente ocorre um apagamento da questão racial, pois no Sul Global, a raça foi ofuscada pela fatídica ideologia de “democracia racial”, que foi empregada no sentido de dissimular a violência emblemática que é o racismo, uma expressão da questão social que é naturalizada no Brasil.

Quando se observa a afirmação irônica “Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença porque todo mundo é

¹⁶ SIMON, Carolina Russo. Resenha: *Dororidade*, de Vilma Piedade. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, v. 12, n. 1, p. 246-250, 2021.

¹⁷ hooks, 2014.

¹⁸ GONZALEZ, 2020.; hooks, 2014.

brasileiro acima de tudo [...] Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem [...] nem parece preto”¹⁹, fica nítido o quanto o racismo é negligenciado para que não seja desmantelada a casa grande, que insiste em afirmar uma suposta “igualdade” que jamais existiu no Brasil, e dentro da práxis feminista, este apagamento não seria diferente. Na produção teórica e na militância, há uma constância dialética direcionada para a busca pela igualdade de gênero e pela resistência aos papéis sociais conduzidos por meio de uma hierarquia entre homens e mulheres.

Porém, “tanto o sexismo como o racismo partem de *diferenças biológicas* para se estabelecerem como ideologias de dominação”²⁰, desse modo, ela questiona a razão do feminismo negligenciar o racismo não considerando este como uma estrutura de poder hegemônico capaz de ocasionar segregação. A supressão do racismo por omissão seria a resposta para a indagação de Lélia Gonzalez, a omissão em discutir a categoria de raça nos espaços políticos está diretamente relacionada ao neocolonialismo difundido através de uma visão de mundo eurocêntrica²¹.

E, isso é o que define o *sistema patriarcal-racista*, portanto, um feminismo em conformidade com essa categoria é projeto de poder, pois atua imerso em uma abstração. Ao eliminar os fatores multirraciais e pluriculturais da sociedade brasileira, deixa uma lacuna. O efeito da neocolonialidade produz uma práxis política inconsistente que é tida como libertadora, mas que não passa de “uma espécie de racionalismo universal abstrato, típico de um discurso masculinizante e branco”²², mas também pode ser um projeto de poder da branquitude, que se apropria das mulheres, estas também são sujeitas do processo. Discutir sobre as diversas formas de opressão da mulher latino-americana e excluir que esta também é atravessada pela raça, além do gênero, é omitir a dura realidade de vida da grande maioria da população feminina que são penalizadas socialmente por não serem brancas.

¹⁹ GONZALEZ, 2020, p. 78.

²⁰ GONZALEZ, 2020, p. 141.

²¹ GONZALEZ, 2020.

²² GONZALEZ, 2020, p. 142.

Desse modo, as mulheres pretas constroem meios para resistir “em uma sociedade que não se reconhece como racista, mas, sente estranhamento ao ver mulheres pretas em papel de liderança e fora dos espaços de subalternidade”²³. Oportunizar a visibilidade para as mulheres afroameríndigenas possibilita o dismantelo das narrativas eurocêntricas que realizam o apagamento da historicidade ancestral de luta do povo preto, que sobreviveram durante anos à escravidão e que hoje vivenciam o silenciamento²⁴.

Novembro Negro: luta e resistência

No artigo intitulado *O Dia da Consciência Negra no Brasil: algumas reflexões*²⁵, o país, por ter sido historicamente construído sob uma base econômica escravocrata, alicerçou em sua cultura um tipo de “darwinismo social” em que a questão racial foi colocada como um patamar que define o desenvolvimento social, neste caso, o Brasil estaria condenado a não progredir como uma civilização. Devido a isso, surgiram as “políticas de embranquecimento” para que houvesse uma tentativa de purificação étnica, e foi o que de fato aconteceu, por meio do processo imigratório, da miscigenação e da marginalização da população negra, esta que foi deslocada dos centros urbanos para as periferias, o que explica, atualmente, a grande concentração de desemprego e de pobreza extrema entre as pessoas negras nesses territórios.

Portanto, a desigualdade social brasileira também pode receber o nome de racismo brasileiro, tendo em vista a relevância de se pontuar que as grandes mazelas sociais contemporâneas são oriundas desta opressão que surgiu com o colonialismo, para além dos problemas relacionados à classe. Contudo, compreende-se que a data 13 de maio de 1988, dia em que a Princesa Isabel sancionou a Lei Áurea e consolidou o fim da escravidão no Brasil, não representou uma emancipação para o povo negro, pois o que se presencia ainda é o aprisionamento de corpos e o encarceramento em

²³ HILÁRIO, 2019, p. 51.

²⁴ HILÁRIO, 2019.

²⁵ SILVA, Vanessa C. Pacheco. O Dia da Consciência Negra no Brasil: algumas reflexões. *Revista de História Bilros*, Fortaleza, v. 2, n. 3, p. 153-166, jul./dez. 2014.

massa da população negra deixa explícito que o sistema prisional é construído e direcionado para um grupo específico, ou seja, a senzala ainda existe, pois diariamente pessoas pretas e indígenas são assassinadas pelo próprio Estado²⁶.

O Brasil foi o último país a abolir a escravidão e isso não garantiu uma humanidade para a população negra; os efeitos podem ser observados até os dias atuais, onde o racismo ainda é presente. Em *Mulheres, Raça e Classe*²⁷, a autora demonstra como os negros têm sido retratados como anomalias. Entretanto, como uma forma de tentar camuflar essa realidade cruel, é comum que a branquitude faça uso dos seguintes discursos: “não existe consciência negra, o que existe é a consciência humana”, “a cor da pele não importa, somos todos iguais”, analisando estas falácias, pode ser percebida a forma como o sujeito branco se utiliza da ideologia da democracia racial para negligenciar o racismo. Corroborando com este pensamento, afirma-se que “nem na escola, nem nos livros [...] se fala da efetiva contribuição da mulher, do negro e do índio na formação histórica e cultural. Na verdade, o que se faz é folclorizar todos eles”²⁸.

Por este motivo, foi pensado o Dia da Consciência Negra, com o objetivo de homenagear a morte de Zumbi dos Palmares, ocorrida no dia 20 de novembro. Esta nova data foi idealizada pelo Movimento Negro, grupo que se constituiu “a partir do fim da década de 1970 e início dos anos de 1980, como uma das principais entidades do movimento negro contemporâneo, apresentando-se como um divisor de águas na luta antirracista no Brasil”²⁹. Zumbi foi um dos maiores heróis nacionais e símbolo de resistência à escravidão³⁰.

Em *A luta e resistências de mulheres negras militantes do Movimento Negro Unificado*³¹, reafirma-se que estas que também se fizeram presentes no

²⁶ SILVA, 2014.

²⁷ DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

²⁸ GONZALEZ, 2020, p. 204.

²⁹ REGO, Natasha K. de Sousa *et al.* A luta e resistências de mulheres negras militantes do Movimento Negro Unificado. *Insurgência*, Brasília, v. 7, n. 2, p. 55-77, 2021. p. 57.

³⁰ GONZALEZ, 2020, p. 205.

³¹ REGO *et al.*, 2021.

enfrentamento às atrocidades do escravismo e que atualmente no âmbito da militância pautam as questões racistas e sexistas como eixos centrais para a compreensão do contexto das violências no Brasil³². Logo, para além das negligentes manifestações de “igualdade”, o Dia da Consciência Negra precisa ser pensado como uma data simbólica que traz uma representatividade para a grande maioria da população que é negra e indígena, grupos minorizados que não possuem uma condição de dignidade e humanidade resguardada. E, diante desta realidade, é preciso também olhar e questionar: quem são as pessoas que acessam as políticas sociais? Quais as principais demandas apresentadas por esta coletividade no campo das políticas públicas? Quem está sendo representado nos espaços de poder? E quem está sendo silenciado neste meio? O Novembro Negro, antes de tudo, é um mês que traz o desafio da encruzilhada, que provoca escolher: o caminho epistemicida, por meio da difusão do mito da “democracia racial” que promove o silenciamento e o apagamento ou o caminho do compromisso ético político e da práxis interseccional para o enfrentamento antirracista e antissexista. A pergunta está feita, qual o caminho que você segue?³³

Análise da representação da mulher negra no Jornal O Dia

Para analisar a representação da mulher negra nas matérias jornalísticas do Jornal O Dia, optou-se pela realização de um tipo de estudo exploratório de uma abordagem qualitativa a partir da análise de notícias publicadas no mês de novembro entre os anos de 2006 e 2010, sendo ao todo: 7 matérias de 2006, 6 reportagens de 2007, 9 notícias de 2008, 11 publicações de 2009 e 6 postagens de 2010. Sendo assim, ao todo serão analisados 39 escritos jornalísticos do Jornal O Dia do mês de novembro, em um intervalo de 4 anos, de 2006 a 2010. A escolha por esse mês se deu pelo fato de que o movimento Novembro Negro busca a igualdade racial e o

³² GONZALEZ, 2020.

³³ MACHADO, Loiva M. de Oliveira. Por que falar do 20 de novembro? In: FERNANDES, Rosa M. Castilhos; TENEDINI, Débora Ludwig (org.). *Blog Trajetórias da Educação Permanente no Sistema Único de Assistência Social – SUAS: construções coletivas*. Porto Alegre: UFRGS, 2021. p. 16-19.

combate ao racismo, através do debate da representatividade da população negra que tem inúmeros direitos violados.

Diante do exposto, a seleção das matérias ocorreu a partir das categorias: “Dia da Consciência Negra”, “escravizado”, “igualdade racial”, “comunidade quilombola” e “negros”. As categorias escolhidas correspondem aos conceitos e discussões apresentadas ao longo do artigo sobre a história e resistência do povo negro no Brasil, e particularmente da mulher preta. Deste modo, após definição das categorias analíticas, foram criados quadros, sendo um para cada ano, exemplificando os elementos textuais como: título – que se refere a chamada da notícia; data da publicação – informação sobre o dia, mês e ano que a matéria foi publicada no jornal impresso; abordagem do texto – qual foi o assunto norteador da escrita; representação da mulher – como a mulher é citada na notícia; imagens – foto apresentada junto ao texto e as categorias analíticas às quais correspondem, como citada acima.

Quadro 1: Análise categorial das notícias de novembro de 2006 do Jornal O Dia

Categorias	Título	Data	Abordagem	Representação da mulher	Imagem
Negro	Dias pretende implantar coordenadoria para defender negros e homossexuais	13/11/2006	criação de coordenadorias para combater o racismo e homofobia	a mulher é citada como um dos grupos beneficiados	sem imagem
Igualdade racial	Entidades discutem Plano de Igualdade racial para o Piauí	15/11/2006	políticas públicas para a população negra	não é citada	foto do evento
Comunidade quilombola	Comunidades rurais e quilombolas mostram sua produção em feira	16/11/2006	cultura, identidade e interação entre as comunidades	produtora de doces da comunidade quilombola e uma coordenadora da feira	mulheres sentadas vendendo produtos caseiros

Dia da Consciência Negra	Várias atividades irão marcar o Dia Nacional da Consciência Negra no Piauí	20/11/2006	eventos e palestras sobre afrodescendentes e escravidão	uma cientista social e uma historiadora	sem fotos
Dia da Consciência Negra	Dia da Consciência Negra é lembrado com exposição	20/11/2006	história de Zumbi dos Palmares e discriminação da mulher negra	coordenadora de um coletivo fala sobre o resgate da cultura negra de mais de 40 mulheres negras	sem fotos
Dia da Consciência Negra	Resgate da autoestima marca Dia da Consciência Negra	20/11/2006	moda afro e cidadania da mulher negra	coordenadora de um coletivo fala sobre a produção de roupa e bonecas por mulheres pretas	mulher negra segurando uma roupa afro
Igualdade racial	Cultura afro é destaque na semana de debates na UESPI	21/11/2006	pesquisa científica sobre a população negra	coordenadora do grupo de pesquisa	mulher negra (coordenadora)

Fonte: Autoras, 2022.

No primeiro quadro, referente ao ano de 2006, foram analisadas 8 matérias jornalísticas, sendo que se identificou as seguintes categorias: categoria negro (1), igualdade racial (2), Dia da Consciência Negra (3) e comunidade quilombola (1). Sendo assim, neste ano, as matérias destacam uma maior preocupação com o Dia da Consciência Negra, 20 de novembro, e as notícias foram publicadas na segunda semana do mês, ou seja, mais próximo ao feriado nacional. Neste sentido, das 8 reportagens apenas 4 abordam especificamente a mulher negra no texto. As notícias foram publicadas nos dias 16, 20 e 21 de novembro, sendo: “Comunidades rurais e quilombolas mostram sua produção em feira”; “Resgate da autoestima marca Dia da Consciência Negra”; “Dia da Consciência Negra é lembrado com exposição” e “Cultura

afro é destaque na semana de debates na UESPI”. Entre as abordagens adotadas pelo Jornal O Dia, estão políticas públicas para a população negra, valorização da população afro e o trabalho desenvolvido com mulheres negras no estado. Dentre a representação das mulheres nas 8 matérias jornalísticas, as mulheres são apresentadas como beneficiárias das ações do governo, produtoras (de comidas caseiras, roupas afro e bonecas de pano), enquanto gestora de coletivos e coordenadoras.

Quadro 2: Análise categorial das notícias de novembro de 2007 do Jornal O Dia

Categorias	Título	Data da publicação	Abordagem do texto	Representação da mulher	Imagem
Dia da Consciência Negra	Capoeira para lembrar o Dia da Consciência Negra	15/11/2007	divulgação da capoeira, arte e cultura afro	capoeirista participante da competição	uma roda de capoeira
Dia da Consciência Negra	Jogos da capoeira abrem o Dia da Consciência Negra	19/11/2007	cultura afro por meio da capoeira	uma capoeirista que comenta sobre a participação feminina	roda de capoeiras
Negro	Negros sofrem mais homicídios, revela pesquisa	21/11/2007	violências e desigualdade social que atingem mais os povos negros	dados de mulheres negras que morrem mais de partos e outras causas do que mulheres brancas	sem foto
Dia da Consciência Negra	Memorial Zumbi dos Palmares comemora o Dia da Consciência Negra	21/11/2007	evento para reflexão da situação população negra	presidente de fundação, artista plástica e uma estudante de direito	Wellington Dias, então governador do Piauí
Comunidade Quilombola	Cumbuca de Quilombo será lançada na noite de	22/11/2007	Filme produzido pelo IPHAN para o inventário das	superintendente do IPHAN	sem foto

	hoje		Referências Culturais das Quilombolas do Piauí		
Dia da Consciência Negra	Florianópolis debate sobre Consciência Negra	23/11/2007	valorização da história afro e beleza negra	secretaria de cultura e diretora de cultura do município	sem foto

Fonte: Autoras, 2022.

As matérias jornalísticas publicadas em novembro de 2007, analisadas no quadro 2, mostram que os repórteres do Jornal O Dia escreveram notícias mais voltadas para eventos sobre a valorização da cultura afro, entre elas está o fato da divulgação da capoeira, beleza negra e o samba em comunidades quilombolas. Além disso, outra temática em destaque são as violências e desigualdades que a população negra brasileira sofre desde a abolição da escravidão. Os textos destacam pesquisas e realidades que apresentam o “negro como o povo que mais morre no país por homicídio”, “morte materna” e “falta de atenção básica a saúde”.

Neste contexto, das 6 matérias, 4 se enquadraram na categoria Dia da Consciência Negra, uma na categoria negro e outra no grupo de comunidade quilombola. As notícias, assim como no ano de 2006, como apresentado na tabela 1, foram publicadas na segunda quinzena no Novembro Negro. Em relação à representação das mulheres, somente em uma matéria é citada a mulher negra, quando se referem às diferentes mortes de mulheres. Nas demais, as mulheres que estão no texto são gestoras de cultura municipal ou estadual e capoeiristas. Nas fotos, apenas uma imagem de roda de capoeira tem mulheres. O que significa que nos textos analisados a presença feminina se deu, em sua maioria, como fonte oficial.

Quadro 3: Análise categorial das notícias de novembro de 2008 do Jornal O Dia

Categorias	Título	Data da publicação	Abordagem do texto	Representação da mulher	Imagem
-------------------	---------------	---------------------------	---------------------------	--------------------------------	---------------

Escravizado	Piauí integra cooperação de combate ao trabalho Escravizado	04/11/2008	evento sobre a eliminação do trabalho Escravizado	não citada	Governador falando no microfone e ao fundo mesa com autoridades
Negro	Participação negra no poder é ínfima	16/11/2008	mito da democracia racial e participação do negro da política	não citada	sem foto
Negro	João de Deus já sofreu preconceito	16/11/2008	relato sobre o preconceito contra o negro na vida pública	não citada	João de Deus, então deputado estadual
Negro	Essa discussão está superada, diz sociólogo	16/11/2008	ideia de raça como algo superado	não citada	Kleber de Deus, sociólogo
Negro	Eleitor vota em quem acha mais capaz	16/11/2008	campanha eleitoral não deve ser pautada em questões raciais	não citada	Francisco Antônio, então prefeito de Esperantina
Negro	O judiciário é exemplo de democracia	16/11/2008	no judiciário piauiense não existe preconceito	não citada	Othon Lustosa, juiz eleitoral
Dia da Consciência Negra	Música, dança e exposição no Dia da Consciência Negra	20/11/2008	valorização da cultura negra	citada Dandara pela luta do povo negro	uma menina negra com turbante e túnica amarela
Negro	"Inventário para a gente uma cor que não existe, moreno"	20/11/2008	crescimento do movimento negro e exclusão da história afro	não citada	sem foto
Escravizado	Piauiense denuncia suposto trabalho Escravizado	26/11/2008	trabalho análogo ao Escravizado	superintendente de trabalho	Bernardo da Conceição, denunciante

	no Pará				
--	---------	--	--	--	--

Fonte: Autoras, 2022.

Em 2008, foram localizados 9 textos no Jornal O Dia que se enquadravam nas categorias analíticas deste trabalho, como exposto no quadro 3, sendo que uma matéria foi divulgada no dia 4 de novembro; uma reportagem especial do Jornal O Dia foi publicada no dia 16 de novembro de 2008, fragmentada nos subtítulos: “Participação negra no poder é ínfima”; “João de Deus já sofreu preconceito”; “Essa discussão está superada”, diz sociólogo; “Eleitor vota em quem acha mais capaz” e “O judiciário é exemplo de democracia”. Assim como a matéria publicada no dia 20 de novembro de 2008 está dividida nos tópicos: “Música, dança e exposição no Dia da Consciência Negra” e “Inventário para a gente uma cor que não existe, moreno”. E uma notícia foi veiculada no jornal impresso, no dia 26 de novembro.

Neste sentido, das matérias jornalísticas, apenas em uma notícia citou a declaração de uma mulher – a chefe de fiscalização da Superintendência Regional do Trabalho e Emprego, Soraia Lima, e dentre as fotos publicadas somente uma é de uma menina negra e apresentou brevemente o nome de Dandara na luta das comunidades quilombolas. No que concerne às categorias, 6 se enquadram no grupo de negro, 2 na categoria escravizado e um no grupo de Dia da Consciência Negra. Dos assuntos mais debatidos nas matérias jornalísticas do Novembro Negro, no ano de 2008, são: “cultura negra no Piauí”; “o mito da democracia racial”; “combate ao trabalho de pessoas escravizadas no Piauí”; “representação da população negra nos cargos públicos do Legislativo, Executivo e Judiciário”, em que os relatos apresentados se referem apenas ao fato de que a raça não é levada em consideração no ambiente eleitoral e que mesmo sofrendo racismo, os gestores ignoram esta violência.

Quadro 4: Análise categorial das notícias de novembro de 2009 do Jornal O Dia

Categorias	Título	Data da publicação	Abordagem do texto	Representação da mulher	Imagem
Escravizado	Justiça condena empresa por trabalho Escravizado	19/11/2009	trabalho em situações degradantes e análogo ao Escravizado	não citada	sem foto
Negro	Cultura Africana no Piauí é discutida em seminário	19/11/2009	pesquisa científica sobre cultura africana	romancista Angolana, Isabel Ferreira	Isabel Ferreira, mulher negra de turbante.
Dia da Consciência Negra	Sem feriado no Piauí, data é lembrada com atividades	20/11/2009	funcionamento do comércio, escolas e eventos na data	não citada	sem foto
Dia da Consciência Negra	Teresinenses desconhecem o Dia da Consciência Negra	21/11/2009	reflexão e reconhecimento das vitórias do povo negro	não citada	Francis Boakari, sociólogo e ativista
Dia da Consciência Negra	Movimento negro mudou o foco	21/11/2009	uso do termo afrodescendentes	não citada	sem foto
Negro	Sem correntes e sem liberdade	22/11/2009	História da piauiense escravizada e símbolo de luta	Esperança Garcia	imagem da Esperança Garcia
Negro	“Tudo que eu pesquiso tem a ver com minha vida”	22/11/2009	Políticas públicas para população negra	Ana Beatriz, pedagoga e pesquisadora das questões raciais	Ana Beatriz, mulher negra e pedagoga
Negro	Umbandista cobra reconhecimento da religião no Piauí	22/11/2009	preconceito com religiões de cultura matriz africana	não citada	imagem do pai de santo, 3 mulheres e 1 homem
Negro	Enquanto o racismo for disfarçado, não pode ser combatido	22/11/2009	racismo como construção social	Ana Beatriz, professora teve um filho que sofreu racismo com três anos	Stânio Vieira, professor negro da UFPI

Negro	Luiz Mott: "A cultura do negro é muito mais complexa do que se imagina"	22/11/2009	situação das pessoas escravizadas no Piauí	história da alfabetização e carta de Esperança Garcia	Antropólogo, historiador e professor Luiz Mott
Negro	Evento busca diminuir a discriminação a religiões de matriz africana	27/11/2009	religiões umbandista e candomblé no Piauí	Antônia Aguiar, Coordenadora de Diversidade Religiosa	Nilo Nogueira, Antônia Aguiar e outra mulher.

Fonte: Autoras, 2022.

Na edição do Novembro Negro de 2009, o Jornal O Dia apostou em grandes reportagens publicadas em dois dias, sendo que no dia 21 foram divulgados os textos: "Teresinenses desconhecem o Dia da Consciência Negra" e "Movimento negro mudou o foco". Já no dia 22 de novembro as matérias foram: "Sem correntes e sem liberdade"; "Tudo que eu pesquiso tem a ver com minha vida"; "Umbandista cobra reconhecimento da religião no Piauí"; "Enquanto o racismo for disfarçado, não pode ser combatido" e "Luiz Mott: 'A cultura do negro é muito mais complexa do que se imagina'". As demais notícias foram veiculadas nos dias 19, 20 e 27 de novembro.

Das 11 notícias analisadas, 3 correspondem ao grupo categorial Dia da Consciência Negra, 7 da categoria Negro e um de escravizado. Entre as abordagens adotadas pelos jornalistas estão: "o racismo estrutural"; "o trabalho análogo ao escravo"; "a história da Esperança Garcia e do povo afrodescendente"; "a escravização, religiões de matriz africana e políticas públicas no Piauí". A respeito da representação das mulheres nas matérias jornalísticas pode-se citar: "gestoras", "romancistas", "pesquisadoras" e a "Esperança Garcia". Já nas fotos são evidenciadas em sua maioria: "mulheres pretas", "umbandistas", "escravizadas" e "com turbantes". O que representa uma preocupação de retratar os múltiplos mulherismos existentes.

Quadro 5: Análise categorial das notícias de novembro de 2010 do Jornal O Dia

Categorias	Título	Data da publicação	Abordagem do texto	Representação da mulher	Imagem
Dia da Consciência Negra	“Preconceito de marca”	20/11/2008	racismo com base no fenótipo	uma mulher loira que é considerada negra nos EUA pode não ser no Brasil	sem foto
Dia da Consciência Negra	Dia da Consciência Negra: um dia para pensar e repensar o Brasil e sua gente	21/11/2008	racismo deveria ser um problema nacional	não citada	uma imagem de anúncio de apartamento
Negro	Negro ou afrodescendente?	21/11/2008	a terminologia afrodescendente como algo mais amplo para tratar sobre os descendentes ancestrais africanos	não citada	Francis Boakari, sociólogo piauiense
Negro	Mulher negra sofre duplo preconceito	21/11/2008	racismo velado e a mulher sofre opressão de gênero e raça	uma estudante de pedagogia e uma doméstica, ambas negras	sem foto
Negro	Uma história para contar	21/11/2008	história de um homem negro que se formou em Medicina, Direito e psicologia simultaneamente	não citada	Joaquim Marques, homem negro sorridente
Negro	A questão racial e os desafios para o Brasil	21/11/2008	Educação inclusiva	não citada	sem foto

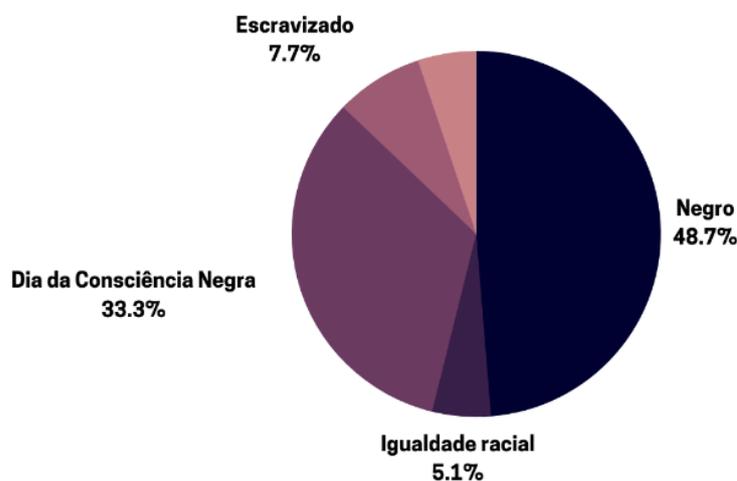
Fonte: Autoras, 2022.

No ano de 2010, as abordagens jornalísticas do Novembro Negro expressaram um interesse em discutir desde o racismo velado brasileiro; as diferentes formas de racismo no Brasil e nos Estados Unidos; o papel da educação infantil no

combate as discriminações raciais; o uso de terminologias que possam tratar sobre ancestralidade africana; o sofrimento da mulher negra que é a base da pirâmide da desigualdade social e até o exemplo de um homem negro, pobre que alcançou a universidade e ajuda a comunidade negra a chegar onde quiser.

Perante o exposto, as categorias que se destacaram nesta edição do jornal impresso foram: Negro (4) e Dia da Consciência Negra (2), o que demonstra que as pautas estavam preocupadas em debater o papel da população negra piauiense. Posto isso, as mulheres foram representadas apenas em duas notícias, quando se referem a uma mulher loira que nos Estados Unidos é vista como negra e no Brasil por ela não ter traços negroides, é denominada como branca e a outra ocasião foi ao trabalhar os atravessamentos do machismo e racismo sob a mulher preta. Em sequência, será apresentado um compilado dos eixos temáticos localizados como “Categoria”, “Representação da mulher” e “Imagem” nos anos entre 2006 e 2010, nas notícias do jornal impresso do Sistema O Dia:

Gráfico 1: Temas no Novembro Negro no Jornal O Dia



Fonte: Autoras, 2022.

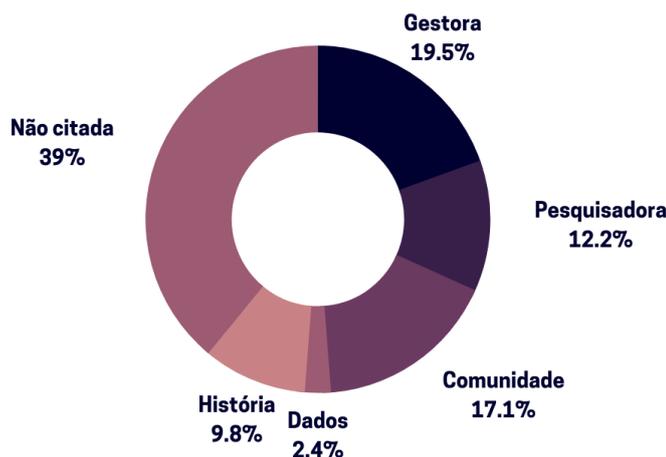
Diante das constatações, o foco na categoria negro representou 48,7 % das matérias jornalísticas analisadas neste estudo, o que representa que no mês de novembro houve uma centralidade em debater a temática pelo fato de ser um mês representativo para a população negra brasileira. Logo em seguida, o tema mais comentado nas notícias foi o Dia da Consciência Negra com 33,3% do material investigado no Jornal O Dia. Esta data em homenagem ao Zumbi dos Palmares é um momento de realização de atividades voltadas à memória deste herói e celebração da cultura negra. O dia é um marco a nível nacional da luta do povo negro por direitos a saúde, educação, trabalho, dignidade humana e contra o racismo. O trabalho análogo ao da pessoa escravizada (7,7%) também foi assunto em matérias jornalísticas no mês de novembro, ao se referir a casos de piauienses que foram encontrados em locais sem higiene, alimentação adequada e direitos trabalhistas. A temática recorda ainda o contexto histórico do Brasil em que pessoas negras de origem africana foram escravizadas e sequestradas ao país em condições de tortura, pobreza, fome e sofrimento.

Já a questão das comunidades quilombolas e igualdade racial são apenas 2% de todo o conteúdo investigado nos textos do Jornal O Dia. Esse dado retrata como os quilombolas e os direitos raciais ainda não são notórios para a mídia, mesmo que no Piauí existam cerca de 250 comunidades quilombolas mapeadas e reconhecidas, segundo o Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Piauí – Emater³⁴. No que concerne a representação das mulheres nas notícias apreciadas, o gráfico 2 apresenta que cerca de 39% (16) das matérias postadas no Jornal O Dia, no período de 4 anos (2006-2010) no mês do Novembro Negro, não citaram mulheres nas notícias. Este número mostra que a questão de gênero não foi levada em consideração ao pautar o jornalismo neste intervalo de tempo. Este fato é reflexo do patriarcado, combinado com o racismo estrutural e a desigualdade de classe que

³⁴ VICE-GOVERNADORA conhece ações do Emater e da SAF em comunidades quilombolas do Piauí. EMATER – Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Piauí, 16 set. 2021. Disponível em: <http://www.emater.pi.gov.br/noticia.php?id=1318#:~:text=No%20Piau%C3%AD%2C%20atualment e%20existem%20mais,comunidades%20quilombolas%20mapeadas%20e%20reconhecidas>. Acesso em: 28 mar. 2023.

juntos atravessam os corpos das mulheres cis e trans/travestis negras, afroameríndigenas, invisibilizando, silenciando, jogando no ostracismo mulheres que lutam e fazem a história da/na construção da sociedade brasileira.

Gráfico 2: A mulher no Jornal O Dia



Fonte: Autoras, 2022.

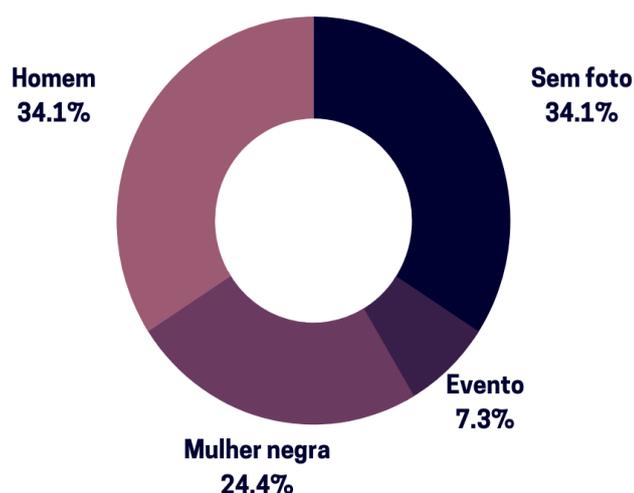
Nas notícias publicadas no Novembro Negro, as gestoras nos textos veiculados são 19,5% (8) – este número engloba coordenadoras de projetos científicos, feiras, coletivos e superintendentes – o que demonstra que as mulheres nestas matérias ocupam lugar de poder em instituições governamentais, ensino e comunidades. Isto representa que mesmo com grande número de elementos jornalísticos sem referenciar mulheres, nos textos em que são citadas, houve uma atenção em entrevistar mulheres com posicionamento político e importância na sociedade.

Neste mesmo sentido, nos escritos cerca de 17,1% (7) das mulheres entrevistadas são de comunidade quilombola, capoeiristas, beneficiárias de políticas públicas, produtoras rurais e domésticas que têm relação direta com a desigualdade social. Essas mulheres que estão na base da pirâmide do capitalismo são invisibilizadas e foram representadas 7 vezes em um conjunto de 39 notícias. As

pesquisadoras também foram mencionadas em 12,2% (5) das divulgações jornalísticas. O índice mostra que historiadoras, cientistas sociais, estudantes e professoras foram ouvidas sobre a questão racial, no período pesquisado.

Além disso, a conjuntura histórica sobre a guerreira Dandara dos Palmares, companheira de Zumbi; Esperança Garcia a primeira advogada negra do Piauí, que denunciou ao governador da época maus tratos por parte de fazendeiros a sua família e amigos e a escritora e advogada Angolana, Isabel Ferreira, também foram citadas em 9,8% das notícias sobre os povos negros. Dados de pesquisa sobre a situação da mulher negra foi mencionado, mas apenas em uma matéria, o que demonstra que também nas notícias do Jornal O Dia, as mulheres negras são a base da pirâmide capitalista e não há interesse em expor a desigualdade racial entre mulheres nos diversos âmbitos de saúde, educação e cidadania. Diante dos fatos, no gráfico 3, a representação da mulher no jornal impresso, por meio do Jornal O Dia, indica que as mulheres não estão ilustrando as matérias jornalísticas sobre o movimento negro:

Gráfico 3: A imagem da mulher no Jornal O Dia



Fonte: Autoras, 2022.

Nas notícias, há um número expressivo de matérias sem fotos, cerca de 34,1% (14), este fato pode ser justificado tanto pela falta de espaço da diagramação do jornal impresso, quanto pelo fato de não ter interesse em ilustrar os textos. Uma outra situação relevante é que há a mesma quantidade de publicações que possuem fotografias de homens (34,1%), ou seja, na maioria das fotos postadas, no intervalo estudado, são representadas por imagens masculinas ou não possuem fotos.

Há de se registrar que em algumas fotos possuem homens e mulheres como é o caso de fotografias em comunidades umbandistas. Sendo assim, as mulheres e meninas apareceram em 24,4% (10) das fotos veiculadas no jornal, vale destacar que todas essas mulheres são negras, estavam vestindo roupas brancas (umbanda), coloridas (alusão a cultura afro) e usavam turbantes. Neste viés, o jornal trouxe uma representação positiva das mulheres negras para estampar os jornais impressos publicizados. Houve ainda notícias que foram anunciadas com imagens de eventos políticos, quilombola e de capoeira (7,3%). Este fato ocorre quando não há mais imagens para ilustrar o texto.

Por fim, durante 4 anos no Novembro Negro, o Jornal O Dia publicou cerca de 39 notícias. Diante do estudo percebe-se que as temáticas buscam discutir sobre o negro e o Dia da Consciência Negra. Já a representação da mulher é exteriorizada por gestoras públicas, quilombolas, pesquisadoras e beneficiárias de ações e esportes incentivadas pelo estado do Piauí, mas os homens ainda são os maiores destaques nas notícias. Nas fotos em que já há mulheres negras, elas são representadas por vestimentas e acessórios que remetem à cultura afrodescendente, este é um dos únicos fatos positivos das publicações. Assim, as mulheres não são o foco principal da discussão, estão sempre em segundo plano e na maioria dos textos não citam as mulheres, o que demonstra a invisibilidade da mulher na sociedade diante das opressões de gênero, raça e classe que poderiam ser evidências nas publicações.

Considerações finais

O alcance a um feminismo que seja representativo para a maioria da população feminina que é excluída e marginalizada, requer o reconhecimento de que nem todo feminismo liberta, emancipa e acolhe, sendo, portanto, necessário considerar as hierarquias sociais, divididas pelos eixos estruturantes de raça e de classe, que ocasionam uma circunstância de opressão para os 99%.

O dia 20 de novembro, conhecido como o Dia da Consciência Negra e o Novembro Negro, são datas que apresentam como simbologia a representatividade da população negra, retratando ainda a conjuntura social e histórica brasileira atual em que o racismo se faz presente. Este estudo teve como objetivo analisar a representação da mulher negra no Jornal O Dia, no mês de comemoração do Dia da Consciência Negra.

Ficou constatado que as Mulheres Negras possuem pouca visibilidade na mídia piauiense, considerando que foram poucas as matérias tratadas durante este período que fizeram menção a este grupo, o que torna evidente a ausência da interseccionalidade, pois a categoria gênero não foi pautada. Desse modo, ficou nítido o apagamento dessas mulheres como uma consequência do racismo e do patriarcado, de uma dupla ou tripla opressão que só as mulheres negras sofrem.

Referências

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade: feminismos plurais*. São Paulo: Pólen, 2019.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.

BRASIL. Presidência da República. *Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010*. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nºs 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. Brasília: Casa Civil, 2010.

BRUM, Daniela Moraes. *Feminismo pra quem?* Bauru: Astral Cultural, 2020.

COSTA, Suely Gomes. Onda, rizoma e “sororidade” como metáforas: representações de mulheres e dos feminismos (Paris, Rio de Janeiro: anos 70/80 do século XX). *INTERthesis*, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 1-29, jul./dez. 2009.

DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro latino americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HILÁRIO, Rosângela Aparecida. O feminismo negro como estratégia para assunção de direitos as mulheres pretas e periféricas. *Ensaio Filosóficos*, Rio de Janeiro, v. 20, p. 40-57, dez. 2019.

hooks, bell. *Não sou eu uma mulher: mulheres negras e feminismo*. 1981. Tradução livre para a plataforma gueto, jan. 2014. Disponível em: https://plataformagueto.files.wordpress.com/2014/12/nc3a3o-sou-eu-uma-mulher_traduzido.pdf. Acesso em: 28 mar. 2023.

MACHADO, Loiva M. de Oliveira. Por que falar do 20 de novembro? *In: FERNANDES, Rosa M. Castilhos; TENEDINI, Débora Ludwig (org.). Blog Trajetórias da Educação Permanente no Sistema Único de Assistência Social – SUAS: construções coletivas*. Porto Alegre: UFRGS, 2021. p. 16-19.

MINAYO, Maria C. de Souza. Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social. *In: MINAYO, Maria C. de Souza et al (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 9-29.

PETRONE, Talíria. A urgência do feminismo para os 99%. *In: KOLLONTAI, Aleksandra et al (org.). Introdução ao pensamento feminista negro: por um feminismo para os 99%*. São Paulo: Boitempo, 2021.

REGO, Natasha K. de Sousa *et al*. A luta e resistências de mulheres negras militantes do Movimento Negro Unificado. *Insurgência*, Brasília, v. 7, n. 2, p. 55-77, 2021.

SILVA, Vanessa C. Pacheco. O Dia da Consciência Negra no Brasil: algumas reflexões. *Revista de História Bilros*, Fortaleza, v. 2, n. 3, p. 153-166, jul./dez. 2014.

SIMON, Carolina Russo. Resenha: Dororidade, de Vilma Piedade. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, v. 12, n. 1, p. 246-250, 2021.

VICE-GOVERNADORA conhece ações do Emater e da SAF em comunidades quilombolas do Piauí. EMATER – Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Piauí, 16 set. 2021. Disponível em:

<http://www.emater.pi.gov.br/noticia.php?id=1318#:~:text=No%20Piau%C3%AD%2C%20atualmente%20existem%20mais,comunidades%20quilombolas%20mapeadas%20e%20reconhecidas>. Acesso em: 28 mar. 2023.